



# **DO IMAGINÁRIO COLETIVO PARA UMA REPRESENTAÇÃO DOS FATOS: relato de uma mulher e estudante Terena nas andanças pela França em sua diversidade paisagística**

Sandra Ventura Domingo Cândido<sup>1</sup>

## **RESUMO**

O relato de experiência é referente a um período de seis meses de doutorado Sanduiche na Universidade Paris 8 na França, subsidiado pelo projeto Guatá<sup>2</sup>. O projeto Guatá é desenvolvido em parceria com a Embaixada da França aqui no Brasil. O projeto propõe um período de mobilidade de 6 até 12 meses em Paris, vinculado a laboratórios de pesquisa do Campus France. Este período de estudos na Europa foi uma virada de chave na minha vida, que me proporcionou passar do imaginário coletivo para uma resignificação e representação do fato vivido, real, onde eu imaginava a Europa, principalmente a França, tida como o berço da cultura, um país homogêneo e rico, mas o que eu vi foi um país heterogêneo, com múltiplos espaços preenchidos por pessoas dos mais diferentes lugares de todo o mundo e com problemas sociais bem parecidos com o do Brasil, como moradores de rua em Paris e no interior o conflito entre os camponeses e a monocultura e o que o mundo no qual vivemos foi projetado para homens.

**Palavras-chave:** Território, Espaço, Gênero, Conflito, Imaginário.

## **ABSTRACT**

This experience report refers to a six-month period of a Sandwich at the University of Paris 8 in France, subsidized by the Guatá project. The Guatá project is developed in partnership with the French Embassy here in Brazil. The project proposes a mobility period of 6 to 12 months in Paris, linked to research laboratories at Campus France. This period of studies in Europe was a turning point in my life, which allowed me to move from the collective imagination to the real imagination, where I imagined Europe, especially France, considered the cradle of culture, a homogeneous and rich country, but what I saw was a heterogeneous country, with multiple spaces filled with people from the most diverse places around the world and with social problems very similar to those in Brazil, such as homeless people in Paris and in the countryside, the conflict between peasants and monoculture, and the fact that the world we live in was designed for men.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados.

<sup>2</sup> Caminhar em Tupi-guarani.



**Keywords:** Territory, Space, Gender, Conflict, Imaginary.

## INTRODUÇÃO

O relato de experiência trata de um período de mobilidade de seis meses na França, no período de 02 de Setembro de 2024 à 28 de Fevereiro de 2025, do doutorado Sanduiche na Universidade Paris 8 na França, subsidiado pelo projeto Guatá, desenvolvido com apoio da Embaixada da França no Brasil. Nós participamos do processo seletivo da UFGD<sup>3</sup> chamado Bolsa Guatá<sup>4</sup>, em parceria com a UFGD, que propõe um período de mobilidade de 6 até 12 meses em Paris, vinculado a laboratórios de pesquisa do Campus France. No meu caso, foi uma mobilidade de seis meses. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD. meu relato refere-se à esta experiência vivida na França, buscando articulá-la com reflexões que venho realizando para minha pesquisa de doutorado intitulado de KUXOTI POKE'E: Vovoku KoxunakopeaKixoku Vitúkeovo Sêno Terenoe<sup>5</sup>.

Na França, moramos no Crous, Residência Internacional e estivemos inseridas ao laboratório de pesquisa LIAgE:Laboratoire Interculturalités Apprentissages marGes Expériences<sup>6</sup> da Paris 8. Esta universidade é composta por uma diversidade de estudantes oriundos de diferentes povos, 133 no total, vindos de toda parte da Europa e do mundo, como Coréia do Sul e Japão.

## METODOLOGIA

Em Paris eu gravei um curta metragem para o laboratório da professora Delphine Leroy, no qual o tema foi a passagem do imaginário coletivo para o imaginário real. Cursei na Paris 8 aulas regulares às segundas-feiras e sextas-feiras, cujas disciplinas eram Oralidade da Língua Francesa e Gramática da Língua Francesa, respectivamente. No Seminário da Paris 8, intitulado de “Povos Indígenas do Brasil e Pesquisa Acadêmica”, no qual falei sobre a mobilidade do Povo Terena e participei do GT cujo tema era a Educação Escolar Indígena e

---

<sup>5</sup> Terras Antigas: Lugar de Reafirmar as Práticas Tradicionais da Mulher Terena

<sup>5</sup> Terras Antigas: Lugar de Reafirmar as Práticas Tradicionais da Mulher Terena

<sup>5</sup> Terras Antigas: Lugar de Reafirmar as Práticas Tradicionais da Mulher Terena

<sup>6</sup> LIAgE: Laboratório de Interculturalidade Margens de Aprendizagem Experiências.



que deu origem ao artigo intitulado de Diálogo de três vias entre a França e o Brasil. Participei também como palestrante na mesa-redonda Destino Amazônia: Meio Ambiente e Patrimônio, na qual falei sobre a participação das mulheres Terena nos movimentos de retomada do T.I<sup>7</sup>. Taunay/Ipegue. Participei também como palestrante do Seminário no College de France intitulado de Sciences du Vivant<sup>8</sup>, no qual falei sobre a história dos territórios dos Povos Terena e o processo de apropriação do conhecimento das ciências Terena. No dia 19 de fevereiro participei também da disciplina de mestrado intitulada de Pedagogia da Emancipação, na qual relatei o processo de conquista da Educação Escolar Indígena. No decorrer desses seis meses, além de caminhar por Paris, viajamos também para o interior da França em Angles Sur Anglin e para as Montanhas na região de Montelimar e também para Londres na Inglaterra.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Observamos como a Europa mudou radicalmente do que imaginávamos ser a Europa baseada nas aulas história, geografia e também nas informações da televisão e redes sociais para o que os meus olhos viram. Como nos diria Massey:

Se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de estórias até então, lugares são portanto, coleções desses estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas interseções, dentre desse cenário mais amplo, e aquilo que delas é feito. Mas também dos não-encontros, das desconexões. Tudo isso contribui para a especificidade do lugar. (MASSEY, 2008, P.190)

A imigração deixou a geografia de Paris mais humana, cheia de lugares ocupados por pessoas de várias partes do mundo com suas estórias as mais variadas possíveis, a estória de quem deixou o Marrocos, do morador de rua Romeno, da Índia, do Japão, da Coreia, da Palestina e nós do Brasil, mas revela também, o papel dos imigrantes na dinâmica econômica francesa:

A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos,

---

<sup>88</sup> Ciências vivas.



redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida. (SAQUET, 2008, p.90).

É a partir dessa multidimensionalidade do real, perpassada pelas relações econômicas, sociais, políticas, culturais, mediadas por relações de poder, que norteará nossa análise dessa vivência experienciada na França. Temas esses, compreendidos também, a partir da transversalidade da questão de gênero, no meu caso, de mulher Terena.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Paris é a cidade mais visitada do mundo, ao andar por Paris, pelos pontos turísticos se ouvem línguas de praticamente o mundo inteiro e isso foi bastante novo para mim, porque eu imaginava, baseada numa representação formada no grupo social da escola, que nas ruas de Paris só se falava o francês e de certa forma isso me causa um conforto, porque não era a única em Paris que não falava francês. O que inicialmente me impactou foi poder ter tido a oportunidade de ver de perto a tumba de Napoleão Bonaparte. As histórias medievais sempre me encantaram e foi nas aulas de História da professora Fátima Conrado no Ensino Médio, que tomei gosto pela História. A professora chegava e pedia que abrissemos o livro no capítulo tal, página tal, mas ela não lia o livro, ela contava a história e toda a classe ficava quieta muito concentrada e compenetrada e de acordo com as descrições que ela fazia eu imaginava a cena, as roupas, o contexto, o momento da época e isso tudo me encantava. A professora Fátima Conrado nos apresentou Napoleão Bonaparte como um homem de feitos heroicos e figura muito expressiva na França, figura conhecida em praticamente todo o mundo. Mas também ao passo que fui avançando na minha vida acadêmica, eu fui percebendo, tendo a noção de que eu estava do outro lado da história, ou seja, à medida que Napoleão Bonaparte ia conquistando seu espaço pela Europa, nós, povos indígenas, íamos perdendo o nosso espaço aqui no Brasil.

A Europa não é a mesma que eu aprendi nos livros e televisão e eu vejo isso como positivo, porque graças à esta diversidade tão grande nas ruas de Paris e cidades circunvizinhas sem nos perder, podemos criar um espaço de vivência e nos socializar, fazer



compra no supermercado, na feira e nos brechós de Paris, enfim, encontramos o nosso lugar em Paris.

As ruas e os espaços de Paris estão repletos de um lindo colorido, formado por pessoas oriundas de vários lugares do planeta Terra, com os mais variados estilos de roupas, penteados, sotaques. Em todos os lugares que se anda encontramos imigrantes ou franceses descendentes de imigrantes, cada qual exercendo sua territorialidade seja no Mercado Africano situado na Basílique<sup>9</sup> ou no Mercado Central nas bancas dos frutos do mar, das frutas, dos condimentos, uma verdadeira explosão de cores, odores e sabores, cada um dentro do seu pequeno espaço, mas se apropriando de cada centímetro do chão de asfalto e territorializando-o com seu modo de falar, vender, de se vestir e de se comunicar com os tantos outros estrangeiros como eu naquele espaço, onde consegui achar meu lugarzinho também.

As conquistas e feitos de Napoleão Bonaparte na França e Europa, indiretamente mudou para sempre o Registro de Terras no Brasil Império, que excluía as Terras Indígenas, acarretando na perda dos territórios tradicionais. Quando Dom João VI desobedeceu o Bloqueio Continental imposto por Napoleão, este invadiu Portugal e a Família Real fugiu para o Brasil em 1808. A Primeira ação que Dom João VI tomou, foi redigir as Cartas Régias de 13 de Maio, 05 de Novembro e 02 de Dezembro de 1808, que restabelecia a “Guerra Justa” contra os indígenas, agora de caráter ofensivo, antes da chegada da Coroa era de caráter defensivo, o que não refresca muita coisa. Estas Cartas Régias davam o respaldo, digamos assim, para os luso-brasileiros caçarem os indígenas, desapropriarem suas terras e os manter como escravos, trabalhando nos povoamentos, os que resistiam eram mortos. Estas cartas à princípio eram para Minas Gerais e São Paulo, mas acabou se estendendo por todo território americano sob domínio de Portugal. Com a chegada dos escravos africanos, a mão-de-obra escrava indígena perde o foco para as terras indígenas. Ao ascender seu pai, Dom Pedro I manteve o caráter hostil contra os povos indígenas e nós sequer fomos citados, mencionados na Constituição Federal de 1824, com a intenção de destruir o ancestral direito indígena à terra. Posteriormente, a Lei N 601 de 18 de Setembro de 1850 e regulamentada pelo Decreto N 1318 de 30 de Janeiro de 1854, mais conhecida como Lei de Terras redirecionou a ocupação territorial brasileira, estabelecendo novos parâmetros para a ocupação e registro de terras em todo o Império, excluindo os indígenas da possibilidade de acesso legítimo e privado da terra

---

<sup>9</sup> Centro Comercial de Saint-Denis.



ocupada, ora porque os Diretores de aldeias, nomeados pela Coroa não faziam o devido registo das reservas ocupadas ou quando o faziam, não faziam corretamente e os roçados e aldeamentos de acordo com a Lei de Terras não caracterizam que os indígenas estivessem arranjados ali, quando o deveriam caracterizar, porque este era o princípio estabelecido pela Lei de Terras, ou seja, para demarcar uma Terra Indígenas, ela precisa caracterizar que os indígenas vivessem ali, mas ao mesmo tempo, a Coroa não reconhecia a organização social indígena própria, um antagonismo.

Penso que se a Coroa Portuguesa não tivesse vindo para o Brasil, fugida de Bonaparte, algumas questões poderiam ter sido diferente para nós indígenas, porém, com praticamente tudo contrário ao povo indígena, hoje, nós mulheres estamos lutando pacificamente para ocupar nosso espaço, produzindo nossa territorialidade para seguir desterritorializando as fronteiras impostas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A mulher Terena participa ativamente da organização política interna da comunidade, isso não é novo, não é de agora, como já pesquisou e escreveu o professor Dr. Levi Marques Pereira, mas as mulheres Terena com toda a adversidade de um sistema estruturado no qual convivemos em uma sociedade machista, têm vencido as lutas e barreiras e vêm ocupando seus espaços fora do território, como na política, nos movimentos, nas universidades e fazendo o caminho inverso dos conquistadores. Lá em Paris Patrice Ville e Christiane Gilon me disseram que eu era uma etnográfica do povo francês! Eu me senti fantástica, porque agora sou eu quem observa, analisa e estuda os espaços e a comunidade francesa, composta por uma rica diversidade de franceses descendentes de colônias africanas e da América Central, não com o objetivo de oprimir, mas de ampliar o campo da minha pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**

MASSEY, Doreen. **PELO ESPAÇO: Uma Nova Política da Espacialidade**. EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA. RIO DE JANEIRO – RJ – 2008.



**ENANPEGE**  
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e  
Pesquisa em Geografia

PEREIRA, Levi Marques Pereira. OS TERENA: formas organizacionais e representação da identidade. Ed. UFGD. 2009.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. SAQUET, Marcos Aurelio. **teorias, processos e conflitos.** ) --1.ed.-- São Paulo : Expressão Popular : UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. 368 p. : tabs.-- (Geografia em Movimento).